

Brasil programa seu salto biotecnológico

Pesquisadores propõem e avaliam, na série "Brasil Pensa" apresentada pela "TV Cultura", políticas que promovam o avanço da pesquisa e da produção brasileira em biotecnologia na área de saúde

Quando se abrem as prateleiras do mais moderno "armazém científico" brasileiro, é impossível deixar de notar: sim, o País tem conquistas na área da biotecnologia. Entre outros produtos, já oferece insulina produzida por engenharia genética, pele artificial fabricada por bactéria e também uma molécula isolada por pesquisadores da Fiocruz que pode servir para o desenvolvimento de uma vacina duplamente eficaz — de combate à esquistossomose, doença endêmica no Nordeste, e à fasciola, que ataca bovinos e ovinos na Europa.

Mas quando se frequenta um "hipermercado científico" do Primeiro Mundo, percebe-se nitidamente: o Brasil está na periferia do redescoberto universo biotecnológico, considerado o mais forte aliado da Medicina na luta pela saúde humana.

A NIMAIS
TRANSGÊNICOS
FABRICAM
REMÉDIO
QUE CUSTA
US\$ 20 MILHÕES
O QUILO

O que País pode fazer para avançar no campo da biotecnologia aplicada à saúde é o tema em debate nesta quinta-feira no programa *Brasil Pensa*, apresentado pela TV Cultura. Participam do debate o professor Carlos Médiçi Morel, presidente da Fiocruz, o empresário Luís Fernando Farah, presidente da Biofill, o pesquisador Iran Laranjeira de Almeida Jr., da Universidade Federal de Pelotas, e o biólogo Andrey Simpson, chefe do Laboratório de Biologia Molecular do Centro de Pesquisa René Rachou, de Belo Horizonte.

Andrey Simpson, que é cidadão inglês, avalia que "o Brasil se diferencia da maioria dos países simplesmente porque tem pesquisas e pesquisadores que, em algumas áreas, estão entre os melhores do mundo". Mas, relata, recentemente rodou um programa de computador que lista todas as pesquisas publicadas sobre biologia molecular, e constatou: "Nossa produção total neste campo é menor que a de uma única universidade dos EUA."

Tão modesta quanto a quantidade é a qualificação do estágio da produção

biotecnológica no País. "Hoje há uma biotecnologia avançadíssima — que alguns autores chamam de 'biotecnologia levada a sério' —, à qual o Brasil tem pouco acesso, e outra mais clássica, periférica e que rende menos", diz Morel. Um exemplo, lembra, é o TPA, um ativador protéico de tecidos, desenvolvido nos EUA a partir do leite de animais geneticamente modificados. Usado no combate à hipertensão, o TPA custa US\$ 20 milhões o quilo. "Tem um altíssimo valor agregado e o Brasil está muito longe disso."

Não apenas distante daquela que é uma das substâncias de maior sucesso do mundo biotech, o Brasil também é a casa de ferro onde o espeto é de pau. Até o curativo Biofill, desenvolvido em Curitiba por empresa do mesmo nome, é mais facilmente encontrado numa farmácia da Itália ou Espanha que num hospital brasileiro. O Biofill, uma película de celulose pura fabricada pela bactéria *Acetobacter xylium*, é um produto inerte, aplicado, geralmente, sobre lesões em que haja perda de pele. Patenteado em 19 países, sua pesquisa foi financiada por agências oficiais — CNPq, Finep —, e o BNDES Participações é sócio da empresa que o criou. Mas a maioria dos brasileiros não tem acesso ao Biofill porque a distribuição em território nacional é incipiente. E desde o seu lançamento, na década de 80, toda a produção é basicamente exportada, explica Farah, o presidente da empresa.

Superar as limitações que vêm condenando o País à condição de nação subdesenvolvida biotecnologicamente significa, na avaliação de Morel, considerar a saúde como integrante do desenvolvimento nacional, não como seu fruto. E, nesse sentido, uma política industrial do Ministério da Fazenda deveria se ligar às ações dos da Saúde e da Ciência e Tecnologia. Farah concorda, mas também defende a idéia de que o investimento se volte para um ciclo saudável: para pesquisa aplicada, que cria produtos que vão a mercado e trazem recursos para se fazer mais ciência. E investir em pesquisa, diz o empresário, é principalmente apostar na formação de recursos humanos, porque, em síntese, "pesquisa se faz com três coisas: gente, gente e gente."